

Cidade prefere assistir ao jogo do Brasil

Bartholomeu Rodrigues

Setor Comercial Sul, 13 horas. Os funcionários das repartições públicas deixam seus locais de trabalho com uma única preocupação: chegar em casa a tempo para assistir ao jogo Brasil x Nova Zelândia. A maioria — com raríssimas exceções — desconhece que ali, bem perto, está também em jogo a administração de uma cidade.

A renúncia do governador Lamaison (que se diz ardoroso torcedor do Grêmio portoalegrense) coincide com os jogos da Copa do Mundo. Mais ainda: com a classificação da Seleção Brasileira para a segunda fase do campeonato mundial de futebol. Sem dúvida, o assunto que menos interessa, numa hora dessas, é política; principalmente quando se trata de política palaciana. Mas o ocorrido serve para, mais uma vez, testar a popularidade do governador.

O primeiro teste foi em março de 1979, quando assumiu: o resultado foi um total desconhecimento do homem que, amigo fiel do presidente Figueiredo, assumia o controle administrativo da capital da República.

Com ele naufragam também os esforços dos técnicos em comunicação do GDF que se lançaram em campanha para popularizar a figura do governador — um homem que pouco ri e não sabe esconder a sua timidez quando dá entrevistas à imprensa.

De todas as declarações (muitas das quais contraditórias) que deu nos últimos anos, a mais acertada foi, sem dúvida, a de que “este fardo vai pesar demais em minhas costas”. Referia-se a sua designação para assumir o Governo local, transmitida pelo então candidato à presidência, o general João Baptista de Figueiredo.

— Se eu for presidente, você será governador. O meu fardo é mais pesado.

Com Lamaison naufraga também um esquema montado para a popularização da imagem do governador — um homem que pouco ri e às vezes não esconde a sua timidez quando dá entrevistas.

A impressão que se tem é de que o verdadeiro poder da cidade está em outra Praça (a dos Três Poderes), e não fincado junto ao buriti que deu nome ao palácio do Governo local. O que poderia transformar-se numa crise de envergadura imprevisível, se o impasse tivesse ocorrido em outro centro, não parece abalar em absolutamente nada a vida da cidade. O brasileiro vê a Copa. O governador sai.